

# PARA O VALDUGA DE OPINIÃO DA GAZETA

## O GRITO DE BUENOS AIRES

Dia 29 de agosto último, em Buenos Aires, o Grupo de Cairns, do qual o Brasil faz parte aliado a 14 outros países (Argentina, Austrália, Canadá, Colômbia, Chile, Fiji, Filipinas, Indonésia, Nova Zelândia, Malásia, Paraguai, Tailândia, África do Sul e Uruguai), reuniu-se para protestar contra as distorções do comércio mundial.

Este grupo, em suma, pretende-se como competitivo com relação aos produtos agrícolas, commodities, e visa a extinção das barreiras alfandegárias que afetam este comércio específico, assim como, os subsídios agrícolas dados pelos EUA, UE (União Européia) e Japão aos seus produtores, para este tipo de produção.

Consideramos a persistência desta política, por parte do Brasil, um tremendo equívoco estratégico. A contra argumentação a este raciocínio é aquela que legitima a permanência do Brasil, no grupo, em função de sua qualidade de grande produtor agrícola. No entanto, este argumento pode ser facilmente contestado em cima dos seguintes pontos:

I - O Brasil, como nação continente, tem uma variabilidade de climas e solos como nenhum outro entre os países do grupo e assim, sob estas premissas lógicas e empíricas, se tem produtividade e competitividade em alguns itens agrícolas, em outros, do seu largo espectro produtivo, não terá; não procedendo a contra argumentação no sentido de que Canadá e Austrália têm o mesmo espaço físico continental do Brasil, pois se assim são idênticos, diferem com relação ao clima, que neles é, em maior parte desértico ou árido, pelo frio ou pelo calor, não tendo a mesma variabilidade a riqueza e a diversidade dos micro-climas brasileiros e, nesta razão, de sua diversidade de produção primária não oligopólica, cuja tendência é ser definitivamente exterminada pela falta de proteção;

II - Que tanto no Brasil, onde três companhias dominam toda a comercialização dos grãos, como no mundo inteiro, onde somente cinco oligopólios dominam o comércio de commodities primárias, é impossível, sob este aspecto mudar uma política cujo domínio tem sede e nacionalidade nos países desenvolvidos, EUA e UE, especialmente na Inglaterra, através da vinculação e o controle destes oligopólios comerciais;

III - Que Austrália, Canadá, Nova Zelândia e África do Sul, antigos integrantes do império colonial inglês, agora fazem parte da Commonwealth, continuando fortemente vinculados ao poder inglês que controla comercialmente as grandes companhias citadas e desta forma também detém seu controle político; que muitas das demais nações ali agrupadas, no grupo de Cairns, são meras "bandeiras de aluguel" servindo de longa manus do maquiavélico poder anglo-saxônico, cujas implicações são contestadas, por incrível que pareça, até mesmo por várias entidades e pensadores nos EUA, que se vêem ameaçados da mesma forma por este poder internacional, que dizem, domina uma fatia de 40% da produção americana;

IV - Que comprova a assertiva feita acima a não integração total da Inglaterra no sistema da UE, em vista de seus interesses oligopolistas em todo o mundo;

V - Que apesar da longa existência do Grupo de Cairns, que já está na 19ª Reunião Ministerial, o comércio multilateral que envolve as commodities primárias, entre a América Latina e a UE (União Européia) aumentou de 1990 a 1996, somente 25%, enquanto o comércio bilateral, que interessa mais a Europa e que não tem proteções ou nenhuma forma de acordo como aquele, aumentou, em benefício da Europa, 274%;

VI - Que se os estados nacionais emergentes, que apressam-se em mitigar suas características nacionais, abrindo mão inclusive do seu poder estratégico militar, retornando, nesta ótica colaboracionista a um regime declarado de colonialismo enquanto os estados nacionais centrais, do G-8, cada vez mais, através da OTAM, fortificam-se e internacionalizam sua atuação, interessando-lhes, inclusive, a independência estratégica e o controle das últimas fronteiras agrícolas do planeta;

VII - Que vinculado a estas razões de estado, os países do primeiro mundo, com uma política de "faça o que eu digo mas não faça o que eu faço", apregoam a globalização, no entanto continuam a subsidiar e a proteger o comércio de sua produção alimentícia, por ser este um item estratégico letal para a sobrevivência autônoma de suas populações nacionais, em caso de guerra ou qualquer corte da produção e fornecimento mundial;

VIII - Que, apesar da existência e da participação no Grupo de Cairns, o Rio Grande do Sul, inserido no Brasil, sofreu, como se fosse um bombardeio, que quase extinguiu totalmente sua produção primária, cuja situação, agora, está se modificando lentamente, não em função da permanência ou defesa dos parâmetros defendidos pelo grupo, que colocariam sob sua ótica a pique o Rio Grande, mas muito mais pela defesa contida no câmbio que, agora, tornou-se favorável para a produção nacional ali desenvolvida, como análogamente pode-se verificar com outras produções de outros micro-climas nacionais semelhantes ao Rio Grande, que agora, sob o escudo monetário podem melhor articular-se;

IX - Que se a competitividade é uma realidade para quem detenha uma melhor otimização de itens relativos aos custos e inclusive, via de regra, para quem detém escala de produção a nível internacional, como é o caso de alguns empresários gaúchos que já atuam em nível multinacional, ela no entanto esbarra na não uniformidade climática e do solo, que limitam assim a sua aplicabilidade total, como parâmetro de inevitável sucesso, à atividade primária como um todo, seja ela a agricultura ou a pecuária;

X - Que o Senador William Roth, dos EUA, charmain da Comissão de Finanças do Senado Americano, tem se manifestado a este respeito, várias vezes perante a União Européia, solicitando uma política global para o setor primário, tanto no que diz respeito aos subsídios como no que respeita as barreiras, sejam elas técnicas ou fito-sanitárias, referindo-se também aos produtos com alto valor agregado como sapatos, aço e aviões, em que o Brasil, particularmente, no Mercosul, tem competitividade, mas no entanto, tem sido uma voz solitária nestas articulações (seus discursos e trabalhos constam do site do Congresso Americano e estão disponíveis para download via Internet).

XI - Que o fator transgênico, relativo ao soja, se do ponto de vista do incremento da produção é altamente recomendável, por outro lado, do ponto de vista genético e estratégico, é péssimo em razão da dependência da produção da semente, que é um híbrido, e do fator de erosão do seu genoma, como consta em ampla bibliografia produzida pelo geneticista canadense Pat Money, que nos fins dos anos oitenta, esteve em Porto Alegre a convite do CREA/RS, fazendo várias palestras para as entidades que congregavam os engenheiros agrônomos, demonstrando o crime contra a biodiversidade ocasionado pela massificação de algumas condutas de pesquisa e aplicação genéticas.

Referindo estes itens, queríamos colaborar com o novo titular do Ministério da Agricultura, o Dr. Pratini de Moraes, que no recente affair relativo aos percentuais de ocupação do campo, teve uma imensa e benéfica participação que deveria, através da ótica colocada, em função dos altos interesses estratégicos, não só do estado nacional, mas também, muito mais, para proteção do povo brasileiro, como garantia do fornecimento de alimentação, sadia e barata, alterar a participação do Brasil, no citado Grupo de Cairns.

Sérgio Borja

Professor Universitário

Borja@pro.via-rs.com.br

GAZETA MERCANTIL RIO GRANDE DO SUL DE 3 A 5 DE SETEMBRO DE 1999